

Caso de Polícia

Nada poderia ser mais inadequado do que a realização de um carnaval extemporâneo em Brasília. Faltou às autoridades o senso elementar de impedir uma festa sem a menor razão de ser. O carnaval é parte de uma programação religiosa: marca o início do período da Quaresma, que termina na semana santa. A capital da República não tem sotaque folclórico para fazer a imitação barata de uma festa cujo *habitat* é a Bahia, pois é invenção dos baianos com finalidade turística. Até o trio-elétrico desafia com o ambiente moderno de Brasília.

A micarencandanga foi desaprovada em todos os quatro dias em que se estabeleceu na Esplanada dos Ministérios, com um saldo policial que recomenda o seu cancelamento para sempre. Tiroteio no primeiro dia, tumultos e arruaças todos os dias, agressão ao filho do próprio ministro da Justiça na última noite. O resultado foi deplorável e deixou o precedente: se for consentida a realização de outra no ano que vem, estará consagrada a autorização para o desregramento. Não cabe a menor dúvida

de que, começando assim, essa festa sem qualquer sentido acumulará um saldo policial invejável.

É inacreditável que Brasília queira fazer frente com as iniciativas desse porte, que puxam o Brasil para trás. Exatamente quando há um esforço da sociedade e das autoridades para a Olimpíada de 2004 se realizar no Brasil, a capital — que devia ser digna do significado etimológico de cabeça nacional — realiza uma aberração de calendário, numa festa sem qualquer raiz e destinada apenas a dar vazão a baixos instintos.

O Ministério da Administração e o Congresso, prejudicados pela festa anárquica, já pediram ao governador do Distrito Federal que seja negada autorização para a baderna se realizar na Esplanada dos Ministérios. É o mínimo que podiam pedir. A opinião nacional prefere ver cancelada para sempre a infeliz iniciativa, que nada tem de legítima, nem de cultural, nem de popular. Não passa de desordem num espaço vazio. Portanto, é apenas caso de polícia.